

ESTAMOS NA LUTA PELA ALMA DO SÉCULO 21

Bill Clinton

Folha de S.Paulo, 16.12.2001

Estamos engajados na primeira grande luta pela alma do século 21. Osama bin Laden e o Taliban têm um conjunto de respostas; os EUA e todos os países que se uniram em defesa de nossa causa têm outro. Para que possamos prevalecer, precisamos compreender o terrorismo no contexto do mundo moderno e fazer todo o possível não apenas para preveni-lo e nos protegemos dele, mas para enfraquecer as condições e atitudes que levam novos simpatizantes e soldados a se unirem em torno da bandeira dos terroristas.

O fato fundamental do século 21 é a interdependência global. Esse é o fator único que percorre todas as outras forças que estão moldando nossas vidas e nosso tempo. Vivemos em um mundo interdependente, no qual as distâncias caíram por terra, os muros desabaram e a informação passou a existir em toda a parte. Os acontecimentos de 11 de setembro foram o lado sombrio da interdependência global.

Eles só poderiam ter acontecido em um mundo sem muros. A interdependência global trouxe grande riqueza para os americanos, mas também criou imensas oportunidades novas para que as forças da destruição entrassem em nossas vidas.

Qual será o fator dominante do século 21? Mesmo antes de 11 de setembro, já haviam surgido pelo menos oito forças que podem ser qualificadas como dominantes. Quatro delas são positivas, e quatro, negativas.

Globalização: está claro que os otimistas diriam que a globalização foi o fator definidor do século 20 e que vai continuar a dominar o século 21. Afinal, durante meu tempo na Presidência, a economia global foi responsável por 22,5 milhões de novos empregos americanos e pelos índices de desemprego mais baixos que nosso país conhecera em décadas. Ela tirou mais pessoas da pobreza, em 20 anos, do que durante todo o resto da história da humanidade.

Era da informação: outras pessoas citariam a internet e o crescimento explosivo da informática como o mais importante dos novos fatores. Em 1993, havia apenas 50 sites. Em 2001, eram 350 milhões. Hoje, passam pela rede mundial 30 vezes mais mensagens por dia do que pelos sistemas de correio convencionais. É um salto quase inimaginável em matéria de comunicações.

Democracia e diversidade: as pessoas mais voltadas à política argumentariam que a característica definidora de nossos tempos é a difusão da democracia e o crescimento da diversidade no interior das democracias. No início deste novo século, mais pessoas viviam sob governos eleitos por elas mesmas do que em qualquer momento anterior da história humana. Os EUA se tornaram mais diversificados do que nunca, e isso os enriquece. A própria diversidade das pessoas que morreram nos ataques ao World Trade Center e ao Pentágono é prova disso.

Ciência: outros podem afirmar que o fator crucial de nosso novo século é o do progresso científico. O sequenciamento do genoma humano abriu novas perspectivas para a saúde, a medicina e a longevidade. Em pouco tempo, vamos poder gerar perfis genéticos dos bebês antes mesmo de eles saírem da maternidade. Cientistas estão trabalhando para criar chips que repliquem os nervos da coluna vertebral e que, algum dia, talvez possam permitir que pessoas que sofreram danos à espinha levantem de suas cadeiras de rodas e voltem a andar. Os físicos não vão demorar a entender os buracos negros no espaço. Outros cientistas estão encontrando novas formas de vida nas profundezas dos oceanos.

Qualquer um desses grandes avanços poderia ser descrito como o fator dominante no novo século. Mas existem outros fatores, estes negativos.

Ambiente: um desses fatores negativos é a fragilidade de nosso ambiente. Algumas fontes afirmam que os desafios ambientais vão dominar os próximos 50 anos, passando por cima de todos os avanços positivos. Entre esses desafios figuram as mudanças climáticas, a escassez de água e a deterioração dos oceanos. Nove dos 11 anos mais quentes registrados desde 1400 aconteceram na última década. Se essa tendência se mantiver, a região pantanosa dos Everglades (Flórida), várias ilhas no Pacífico e uma parte de Manhattan desaparecerão.

Saúde: mesmo antes dos ataques com antraz, outro problema já era a crise em nossa saúde pública. Os sistemas de saúde estão desmoronando em todo o mundo. Epidemias, a começar pela Aids, ameaçam o planeta. Hoje há 36 milhões de soropositivos no mundo, e 22 milhões de pessoas já morreram da doença. Nos próximos quatro anos, o número de soropositivos pode subir para 100 milhões. Os países com o maior índice de aumento de contaminação já não estão na Ásia, mas na ex-União Soviética e na bacia do Caribe, seguidas de perto por Índia e China.

Pobreza: alguns pessimistas podem chegar a enxergar a própria globalização como o aspecto mais negativo de nosso novo século. Os americanos podem estar enriquecendo, mas metade da população mundial ainda vive com menos de US\$ 2 por dia. Um bilhão de pessoas sobrevivem com menos de US\$ 1 por dia. Como se prevê que a população mundial vá aumentar 50% nas próximas cinco décadas, sendo a maior parte desse crescimento concentrado nos países menos preparados para lidar com ele, podemos prever que a pobreza funcione como criadouro de terroristas que se alimentam dos miseráveis.

O novo terror: existe ainda mais um fator negativo que poderíamos citar como característica definidora de nossos tempos. É o casamento do terrorismo perpetrado com armas de destruição em massa e a explosão de ódios raciais, religiosos e tribais antigos. Setecentos mil inocentes foram massacrados em Ruanda, a golpes de facção, em apenas três meses. A Bósnia, um país de apenas 6 milhões de habitantes, perdeu 250 mil deles para a limpeza étnica. Em Kosovo, 1 milhão de refugiados surgiram da noite para o dia.

Encontrar o denominador comum: qualquer um desses oito fatores pode ser visto como dominante, hoje. Os quatro positivos são a economia globalizada, a explosão da tecnologia da informação, o avanço da democracia e da diversidade e os avanços na ciência e na medicina. Os quatro negativos são as crises do ambiente, as crises da saúde, a pobreza e o crescimento do terrorismo baseado em ódios antigos.

Está claro, porém, que o fator único que todas essas coisas têm em comum é a interdependência global. É isso que a torna o fator verdadeiramente dominante de nossa era. Todos os outros, na realidade, não passam de manifestações de um crescimento espantoso da interdependência global.

Assim, a grande pergunta do século 21 é se a interdependência global será uma coisa boa. Seremos capazes de ampliar as forças e o alcance da interdependência positiva e reduzir o impacto da negativa? De que maneira?

Em primeiro lugar, há uma guerra a ser travada. Precisamos nos defender contra a ameaça terrorista atual e apoiar o presidente e outros que lideram o país. O presidente Bush vem lidando extremamente bem com a crise e merece apoio total de todos nós, independentemente de partidos políticos. É importante nos mantermos unidos atrás dele, dentro do esforço de guerra e a busca pelos terroristas.

Talvez os americanos se sintam reconfortados, até certo ponto, em saber que, durante os anos 90, nosso governo foi capaz de rastrear terroristas e frustrar suas ações planejadas, em diversas ocasiões. Pudemos evitar ataques planejados ao túnel Holland, a aviões que voavam de Los Angeles às Filipinas e ao papa João Paulo 2º. Durante as comemorações da passagem do milênio, foi impedida uma dúzia de atentados terroristas planejados.

Na esteira de 11 de setembro, precisamos endurecer nossas defesas. Precisamos fazer uso melhor da tecnologia moderna para rastrear pessoas que querem nos fazer o mal.

Em segundo lugar, ao mesmo tempo em que esmagamos os terroristas de hoje, precisamos pensar nos de amanhã. Precisamos fazer mais para reduzir a potencial fonte de futuros terroristas. Não se trata de atribuir a culpa aos EUA; não faço parte desse grupo. Mas trata-se de conhecer nosso inimigo, compreender as ameaças e agir de acordo com nossos interesses e valores. Em muitos dos países onde os terroristas recrutam sua mão-de-obra, as crianças nunca chegam a ir à escola. Elas não são educadas, mas doutrinadas. Elas sabem que, quando chegarem à maioria, não terão trabalho. Os EUA precisam continuar a trabalhar para reduzir a pobreza mundial e aumentar a independência econômica dos países. Devemos apoiar o perdão da dívida, o desenvolvimento econômico, a concessão de empréstimos a microempresas e os programas de educação e saúde internacionais. Podemos reduzir a fonte de potenciais terroristas ao mostrar às pessoas que não lhes vamos negar as oportunidades básicas que reivindicamos para nós mesmos.

Em terceiro lugar, precisamos continuar a promover a democracia em todo o mundo. Os mais férteis campos de recrutamento de terroristas no mundo ocorrem em países que não são democracias. Quando as pessoas não podem exercer nenhuma responsabilidade por elas mesmas, são mantidas num estado de permanente imaturidade coletiva. É fácil fazê-las acreditar que nosso êxito seja a causa dos seus problemas.

Não é por acaso que o país que possivelmente seja o mais estável do Oriente Médio não é o mais rico. O falecido rei Hussein, da Jordânia, reconheceu, vários anos atrás, que, se quisesse preservar a monarquia como instituição relevante nos tempos modernos, teria de conceder à população um grau maior de autonomia para decidir sua própria vida. A Jordânia começou a ter eleições, com a participação de partidos políticos reais, incluindo fundamentalistas islâmicos militantes que podiam ser eleitos para o Parlamento. Isso significava que pessoas de visões políticas altamente divergentes precisaram aprender a conciliar suas diferenças num ambiente parlamentar, para que o país pudesse seguir adiante. Foi um passo importante.

Se uma população frustrada não tem qualquer válvula de escape para sua fúria, em nível nacional, e nunca é obrigada a assumir qualquer responsabilidade pelo que lhe acontece, ela não se conscientiza de como pode resolver seus problemas, conseguir a ajuda que merece e, quando esta chega, fazer o melhor uso dela.

Finalmente, precisamos seguir adiante com nossos esforços para mostrar a pessoas em todo o mundo que os EUA não são inimigos de qualquer povo ou qualquer religião. A última vez em que os EUA recorreram à força militar foi para proteger a vida de muçulmanos pobres em Kosovo e na Bósnia. Lideramos o mundo na campanha pelo perdão da dívida. Temos defendido sempre uma paz justa e equitativa no Oriente Médio, uma paz que teria dado aos palestinos seu Estado próprio, sua parcela justa nos locais sagrados e a chance de formar uma parceria economicamente bem-sucedida com Israel. A América não é inimiga dos pobres ou do islã, no Oriente Médio ou em qualquer outra parte do mundo.

Bin Laden e seus aliados acham que somos um povo fraco, egoísta, materialista e cheio de cobiça, debilitado por nossa ausência de uma religião nacional e de uma ordem social imposta. Os americanos provaram, de todas as maneiras concebíveis, que eles estão enganados.

Na verdade, a maneira como americanos de todas as religiões e todas as origens nacionais se uniram em apoio mútuo após os ataques terroristas prova que ainda estamos no rumo certo. As pessoas que se reuniram em volta do centro de administração da crise, em Manhattan, segurando fotos de seus entes queridos desaparecidos, vinham de todos os cantos do planeta. Entre elas havia indianos, paquistaneses, bengaleses, japoneses, chineses, britânicos, alemães, mexicanos, chilenos e outros. Juntos, atuaram como desmentido eloqüente da visão de mundo dos terroristas.

Aplaudo o presidente Bush especialmente por ele ter visitado mesquitas e grupos islâmicos e ter lançado um chamado para os americanos buscarem solidarizar-se com quem não se parece conosco e proteger aqueles que podem tornar-se alvos de ataques só por usarem turbantes ou praticarem esta ou aquela religião.

Quando visitei o local do desastre do World Trade Center e o centro de crise em Nova York, conheci um homem cuja história me comoveu profundamente. Ele era muito grande, bem mais alto do que eu, e estava lá, com lágrimas nos olhos. "Você perdeu alguém de sua família?", indaguei. "Não, não de minha família", ele respondeu. "Sou americano de origem egípcia e muçulmano. Acredite se quiser, acho que odeio o que aconteceu mais do que você. E estou com muito medo de que meus colegas americanos nunca mais confiem em mim." É isso, é claro, o que os terroristas querem. Não podemos lhes dar o que eles querem.

Essa grande luta não diz respeito apenas ao que fazemos. Diz respeito a quem somos, a quem eles são e ao que será o século 21. Temos visões radicalmente distintas sobre a natureza da verdade, o valor da vida e o conteúdo da comunidade.

Nós, na América, acreditamos que todos nós nos saímos melhor quando trabalhamos em conjunto. Acreditamos que todo o mundo conte, que cada um tenha um papel a cumprir, que todo o mundo mereça uma chance e que ninguém seja dono da verdade inteira. Nossos inimigos acreditam que uma comunidade seja composta de pessoas que são todas iguais, que têm a mesma religião e a praticam da mesma maneira, e cujas crenças são implementadas pelo exercício rigoroso da autoridade.

Isso não significa que não tenhamos problemas. Ainda temos crimes de ódio. Continuamos vulneráveis a coisas que deploramos. Mas nossa comunidade gerou muitas coisas boas e proporcionou a muitas pessoas em todo lugar uma chance de realizar seus sonhos. Enquanto isso, o tipo de comunidade defendido por nossos inimigos criou 4,5 milhões de refugiados no mundo. As pessoas estão votando com os pés.

Em última análise, a grande lição a ser tirada em favor do mundo interdependente é que não podemos mais negar a outros aquilo que reivindicamos para nós mesmos. Não basta impedir que coisas ruins aconteçam. Em última análise, teremos de cumprir a eterna missão dos EUA no mundo: ampliar o círculo da oportunidade, aprofundar o significado da liberdade, fortalecer os laços da comunidade e construir um mundo melhor, mais rico e mais pacífico.